

Blogs escolares: dispositivos comunicacionais para a aprendizagem colaborativa¹

School blogs: Communicative devices for collaborative learning

Raquel Regina Zmorzenski Valduga Schöninger²
Ademilde Silveira Sartori³

Resumo

Instituições escolares estão adotando dispositivos de comunicação disponibilizados pela rede que viabilizam propostas pedagógicas que promovem a aprendizagem colaborativa. Este artigo trata das conclusões obtidas pela realização de uma pesquisa documental com a intenção de compreender como a escola básica cria e mantém dispositivos de comunicação com os alunos. A metodologia utilizada teve cunho qualitativo e interpretativo. O procedimento metodológico consistiu na análise de documentos escritos *online*: os *blogs* das Escolas Básicas Municipais. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 24 *blogs* de escolas básicas da rede municipal de Florianópolis. A partir de suas características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas, a análise buscou compreender como as escolas estão propiciando dispositivos

¹ Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado intitulada “*Blogs* escolares: dispositivos comunicacionais para a aprendizagem colaborativa”, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2010.

² Doutoranda, Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, Brasil.

³ Professora Doutora, Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: A.S. SARTORI. E-mail: <ademildesartori@gmail.com>.



que favoreçam a construção de ambiências comunicativas. O *blog* é um dispositivo de comunicação potencialmente interativo porque permite a coautoria, a troca de papéis entre emissor e receptor, e a mensagem se torna uma construção conjunta entre ambos. A pesquisa verificou a subutilização da característica de interatividade como consequência da maneira pela qual o *blog* tem sido administrado, com um autor apenas, o que reduz sua capacidade comunicativa e implica a necessidade de desenvolvimento de estratégias para o domínio técnico do dispositivo bem como um maior aprofundamento na compreensão do que vem a ser interatividade. Há a necessidade de se potencializar o ambiente comunicativo na escola, e os *blogs* têm uma importante contribuição a dar.

Palavras-chave: Ambiência comunicativa. Aprendizagem colaborativa. *Blog*. Comunicação. Ecossistema comunicativo. Interação.

Abstract

Educational institutions are adopting communication devices provided by the network that enable pedagogical approaches that promote collaborative learning. This article deals with the conclusions obtained by conducting a documentary research with the purpose of understanding how schools create and maintain the communication devices with students. The methodology used was qualitative or interpretive. The methodological procedure consisted of the analysis of written online documents: blogs from municipal elementary schools. The research corpus consisted of 24 blogs from municipal elementary schools in Florianópolis. Based on their interactive, communicative, educational and institutional characteristics, the aim of the analysis was to understand how schools are providing devices that support the development of communicative environments. Blogs are a potentially interactive communication device that allows co-authoring, the exchange of roles between sender and receiver, and the narrative becomes a joint construction. The study found that the underutilization of the interactivity feature is due to the fact that the blog has been used by a single author, which reduces its communicative ability and implies the need to develop strategies for the technical field of the device, as well as a deeper understanding of the meaning of interactivity. The communicative environment needs to be enhanced in the school and blogs may play an important role.

Keywords: *Communicative environment. Collaborative learning. Blog. Communication. Communication ecosystem. Interaction.*

Introdução

O desenvolvimento tecnológico modifica comportamentos não apenas dos usuários diretos, mas de todo o grupo social, pois interfere nas relações sociais, altera a maneira como as pessoas trabalham, informam-se e vivem de uma maneira geral. Na educação, além da adaptação às mudanças que esses avanços provocam, há outro desafio: mediar e orientar a apropriação crítica dessas tecnologias. Elas potencializam linguagens já conhecidas e introduzem outras que, além de viabilizar modos diferenciados de comunicação, exigem a aquisição de habilidades específicas tanto para a operação instrumental, quanto para a utilização para a aprendizagem e na vida social.

O fascínio de crianças e adolescentes pela *internet* faz com que passem muito tempo, para não dizer o tempo todo, conectados, por meio de seus

smartphones. Eles estão cada vez mais conectados no ciberespaço: eles pesquisam, assistem, produzem e postam seus vídeos no *YouTube*, jogam e comunicam-se com seus amigos, familiares e até mesmo professores. Segundo Jenkins (2009, p.44):

Um adolescente fazendo a lição de casa pode trabalhar ao mesmo tempo em quatro ou cinco janelas no computador: navegar na *Internet*, ouvir e baixar arquivos *MP3*, bater papo com amigos, digitar um trabalho e responder e-mails, alternando rapidamente as tarefas. E fãs de um popular seriado de televisão podem capturar amostras de diálogos no vídeo, resumir episódios, discutir sobre roteiros, criar *fan fiction* (ficção de fã), gravar suas próprias trilhas sonoras, fazendo seus próprios filmes – e distribuir tudo isso no mundo inteiro pela *Internet*.

Vivemos em uma sociedade globalizada, que convive com uma multimodalidade textual, que aponta para o conceito de multiletramento, levando em consideração a multiplicidade de textos pelos quais a sociedade se informa e se comunica. “É essa característica interativa fundante da própria concepção da mídia digital que permitiu que, cada vez mais, a usássemos mais do que para a mera interação, para a produção colaborativa” (Rojo, 2012, p.24).

O uso de determinada tecnologia pode mudar completamente a organização e o planejamento de um professor. O interesse pela exploração de tecnologias que viabilizam a criação/ampliação de ecossistemas comunicativos (Sartori & Soares, 2005) tem conquistado progressivamente cada vez mais adeptos, sendo possível identificar diversos estudos e práticas nesse domínio que desembocam em conceitos como oficinas educacionais (Martirani, 2012) e prática pedagógica educacional (Sartori & Souza, 2013).

Este artigo, entre as diversas possibilidades de se criarem ecossistemas comunicativos (por meio de redes sociais ou ambientes virtuais de aprendizagem entre outros) trata do *blog*, que, para ser um ambiente de construção coletiva, deve partir da ideia de que esse espaço será um dispositivo de interação, de comunicação e, portanto, de colaboração. “Há a necessidade de os educadores explorarem as possibilidades das ferramentas digitais (*blogs* ou outras), como instrumentos envolvidos nas práticas de letramento contemporâneas” (Lorenzi & Pádua, 2012, p.53).

Blogs e sua inserção na escola

Weblog ou simplesmente *blog* são palavras que entraram já no nosso cotidiano e no das nossas escolas. O termo *blog* é a abreviatura do termo original da língua inglesa *weblog* ou *Web + log*. *Log* significa diário e *weblog* surgiu inicialmente como espécie de diário mantido na *Internet* por um ou mais autores.

De acordo com Barbosa e Granado (2004), os primeiros *weblogs* surgiram em 1997, ano em que Jorn Barger começou a chamar de *weblog* seu jornal *online*, o Robot Wisdom. Em seguida, surgiu a primeira ferramenta para criar *weblogs*, um *software* chamado Pitas, que veio facilitar a criação e, conseqüentemente, provocar um aumento na publicação de *blogs*. Em 1999, surgiu o *Blogger*, criado pela empresa *Google*.

Na sua origem e na sua aceção mais geral, um *weblog* é uma página na *Web* que se pressupõe que seja atualizada com grande frequência através da publicação de mensagens, que podem ser constituídas por imagens, vídeos e/ou textos (muitas vezes incluindo *links* para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais), e que são apresentadas de forma cronológica: as mensagens mais recentes em primeiro lugar, logo que se acessa a página. A estrutura natural de um *blog* segue, portanto, uma linha cronológica ascendente.

O *blog* pode ser classificado como individual - pessoal ou profissional (somente um autor) - ou coletivo - grupal e organizacional (amigos, colegas, escolas, empresas, turma, bandas musicais etc.). Pode ser de caráter público (de livre acesso) ou privado (com acesso restrito), generalista (que aborda variados temas) ou temático (que aborda temas específicos). Em geral, visa o interpessoal, o grupal.

Em síntese, um *blog* não é apenas uma ferramenta para publicação de ideias, mas sim um dispositivo de debate, de intercâmbio e colaboração. Sua utilização no âmbito escolar pode ampliar as possibilidades de um diálogo com outras formas de saber entre as diferentes disciplinas do conhecimento escolar, pode, ainda, colaborar na construção de redes sociais de saberes ou comunidades de aprendizagens.

Diversas instituições escolares estão adotando dispositivos de comunicação, interação e educação dispostos na *Internet*, tais como *blogs* e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que promovem a aprendizagem de forma participativa, autônoma, colaborativa. Entretanto, a maioria das experiências se dá em pequenos grupos, por iniciativa do professor de uma turma. Muitos professores ainda estão

receosos em utilizar as Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (TDIC) em sala de aula, o que atrasa o processo de inclusão digital e o exercício de seu uso. Além disso, inúmeras crianças e jovens não dispõem ainda de acesso facilitado às TDIC, mas a escola pode ser um espaço privilegiado que promova tal inclusão.

Dessa forma, o *blog* pode ser usado por educadores como página de conteúdos, avisos, regras, exercícios, sugestões de leitura e outras informações referentes à escola ou às disciplinas, como ensaios, artigos ou *links* que enriqueçam ou embasem a matéria ou assunto que esteja sendo trabalhado em aula. Podem, ainda, ser utilizados para organizar debates em sala de aula, ou mesmo desenvolvê-los *online* como fóruns, e também abrigar informações sobre o desenvolvimento de projetos desenvolvidos por disciplinas individualmente ou de maneira interdisciplinar.

O *blog* também é usado para publicar as produções escritas dos alunos de maneira colaborativa. Em outras palavras, um *blog* é um dispositivo que pode ser utilizado para criar um ecossistema comunicativo e proporcionar e ampliar diversas possibilidades de interação, por meio de uma rede social que envolva os alunos, professores e, também, gestores e pais, se assim o projeto pedagógico da escola o conceber.

Blogs de escola: ecossistema comunicativo e aprendizagem colaborativa

Os *blogs* escolares permitem a socialização dos assuntos trabalhados em sala de aula, da opinião dos alunos sobre as atividades e suas aprendizagens, bem como possibilita a troca de ideias entre os professores das diferentes turmas. Essas trocas são possíveis de maneira *on-line* e de forma assíncrona, ou seja, cada um no seu tempo e espaço: essa é uma das vantagens dos ambientes virtuais na busca da construção coletiva do conhecimento.

Na aprendizagem colaborativa, a participação tanto de professores como de alunos permite que o conhecimento seja construído na interação. Nesse

sentido, o *blog* configura-se como um local onde o processo de ensino e aprendizagem pode ser fruto da ação coletiva. A escrita colaborativa no *blog* da escola possibilita que todos os envolvidos aprendam a conviver com as diferentes ideias apresentadas ao grupo.

De acordo com Torres e Irala (2014, p.65):

Esse conceito geral pode ser interpretado de várias maneiras: o número de sujeitos pode sofrer grandes variações, podendo ser duas ou milhares de pessoas; aprender algo também é um conceito muito amplo, pois pode significar o acompanhamento de um curso ou também a participação em diversas atividades como, por exemplo, as de resolução de problemas; o aprender “em conjunto” pode ser interpretado de diversas maneiras, como situações de aprendizagens presenciais ou virtuais, síncronas ou assíncronas, esforço totalmente em conjunto ou com divisão de tarefas.

As teorias que contribuem para a compreensão da aprendizagem colaborativa fundamentam-se na premissa que os sujeitos procuram e constroem o conhecimento num contexto significativo por meio das interações sociais. Dentre elas, destacam-se a teoria sociocultural, baseada na intersubjetividade e na zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky, e o construtivismo de Piaget.

A mediação está presente em todas as atividades e relações humanas, e é no ambiente escolar, em geral, que a criança inicia suas relações humanas com pessoas diferentes dos seus familiares. Na concepção Vygotskiana, “o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social” (Rego, 2000, p.60).

Na aprendizagem colaborativa, à medida que o conhecimento vai sendo construído, o aluno que está participando ativamente vai procurar fazer relações com aquilo que ele já sabe, o que irá ampliar e formular suas próprias respostas. Os alunos têm objetivos e trabalham em grupo para alcançá-los:

dessa forma, "ao professor não basta apenas colocar, de forma desordenada, os alunos em grupo, deve sim criar situações de aprendizagem em que possam ocorrer trocas significativas entre os alunos e entre estes e o professor" (Torres & Irala, 2014, p.65).

Oblog pode ser entendido como um ambiente virtual colaborativo em potencial, uma vez que os comentários visam a colaborar com a discussão levantada pelo autor nas postagens, e, quando acontece uma resposta aos comentários, estabelece-se uma rede de trocas de conhecimentos e ideias. No entanto, mais do que comentar as postagens, as possibilidades autorais e colaborativas da participação como colaborador de um *blog* propiciam uma qualidade diferente na participação: a possibilidade de ser a origem da comunicação, de ocupar um lugar protagonista na ação coletiva. Na busca dessa compreensão, realizamos uma pesquisa com *blogs* escolares, cuja síntese e algumas conclusões apresentamos a seguir.

Métodos

A pesquisa realizada buscou, por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, compreender como a escola cria e mantém a comunicação com seus alunos, notadamente os *blogs*, visando a compreender aspectos relacionados ao modo como a escola interage com os dispositivos de comunicação atuais na cibercultura. O objetivo geral consistiu em analisar como as escolas básicas do município de Florianópolis, Santa Catarina, utilizam-se do *blog* para criar um ecossistema comunicativo, ou seja, como utilizam o *blog* para fomentar situações de comunicação entre a instituição escolar, a comunidade, os professores e os alunos.

O procedimento metodológico adotado consistiu na leitura e análise de documentos escritos, disponibilizados *online*: 24 *blogs* de Escolas Básicas Municipais (EBM) de Florianópolis, Santa Catarina, considerados como documentos contemporâneos e primários (Marconi & Lakatos, 2007). Optou-se pela análise sistemática de todos os *blogs* das escolas

básicas, uma vez que chamou a atenção o fato de que, num total de 33 *blogs* escolares municipais, 24 são de escolas básicas. A observação dos *blogs* foi realizada até a data de 24 de junho de 2009, e, nessa data, foram coletados os dados para garantir a equidade no seu tratamento, na medida em que as análises se referem ao mesmo período para todos os *blogs*.

A partir da observação e da sistematização dos dados coletados, os *blogs* foram analisados por suas características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas, categorias que serviram de base para a compreensão de como as escolas estão utilizando dispositivos que favorecem a construção de ecossistemas comunicativos entre alunos, professores e comunidade em geral.

Análise do ponto de vista tecnológico: os *blogs* são facilmente utilizados para a publicação na *Web*, sem necessidade de conhecimentos de construção de *websites* e, frequentemente, sem custos para seus criadores, uma vez que existem sites que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de *weblogs*. O editor de *blogs* utilizado por todas as escolas é o *Blogger*: um programa gratuito e de fácil manuseio.

Análise do ponto de vista institucional: todos os *blogs* observados eram alimentados por uma professora, coordenadora da Sala Informatizada. As postagens eram assinadas pelas siglas: Sala Informatizada (SI), 'Nome da escola' ou 'Nome' pessoal das coordenadoras.

Das postagens, 45% eram assinadas pela "SI" e 38% publicadas em nome das coordenadoras, aparecendo seus próprios nomes. Em 17% das postagens, apareceu o nome da escola como sendo a autora do *blog*. Não foi encontrada nenhuma postagem assinada em nome de alunos. Em diversas ocasiões, no entanto, a pessoa responsável pela postagem esclareceu que determinada atividade fora realizada pelos alunos de determinada sala ou identificava o nome dos alunos, bem como o das professoras envolvidas nos projetos. Portanto, não eram os próprios sujeitos da atividade que a compartilhavam, mas uma terceira pessoa que relatava e divulgava o que havia acontecido.

Análise do ponto de vista estrutural: durante a criação de um *blog*, e a qualquer tempo, é possível estabelecer até cem (100) autores para um único *blog*. Verificou-se, no entanto, que os *blogs* estudados não apresentavam lista de autores, portanto toda a potencialidade de autoria não foi aproveitada em nenhum dos *blogs*.

Em relação à indicação de *links* para outros sites, apenas 4 *blogs* não apresentavam lista de sugestões, o que sugere aproveitamento das possibilidades de navegação e de acesso a informações e conteúdos por meio da característica hipertextual da rede. A maioria dos *links* apresentados aos alunos estava identificada como utilizáveis para pesquisa ou para jogos de aprendizagem ou diversão.

Análise do ponto de vista comunicacional: os *blogs* eram abertos à comunidade de internautas e aos alunos para comentários. Quatro *blogs* tinham acima de 150 comentários de estudantes, 2 acima de 100, 3 até 10, e, finalmente, 15 abaixo de 50. O número elevado devia-se aos comentários de alunos de alguma atividade realizada pela turma. A contribuição dos alunos, no entanto, consistia no comentário a uma mensagem já postada (publicada), ou seja, os alunos participavam, mas não postavam. Como resultado, a limitação apenas a comentário fazia com que tivessem papel reativo às mensagens já postadas. O comentário pode ser inaugurador de uma nova discussão, mas encontra-se limitado ao espaço destinado à reação. A participação como colaborador tem *status* diferente, o de originário da mensagem, viabilizando o papel de provocador da discussão, de inaugurador de um debate ou atividade, o vivenciar de uma experiência protagonista em um processo de construção coletiva do significado do que fazem ou passam a fazer juntos.

Análise do ponto de vista educacional: Na apresentação do *blog*, encontrava-se o objetivo da criação dos *blogs*, bem como a que se destinava o espaço. Alguns apresentavam a justificativa da proposta pedagógica, outros relatavam brevemente seus objetivos educacionais. Os assuntos das postagens da maioria dos *blogs* referiam-se aos temas que foram trabalhados em sala de aula e à descrição

das atividades desenvolvidas pelas professoras e suas respectivas turmas. Desse modo, o *blog* servia de canal para divulgação das atividades realizadas pelas professoras e pelos alunos das escolas.

Percebe-se que o uso do *blog* pelas escolas tem caráter de dispositivo de informação a respeito do que fazem alunos e professores. Em que pese a importância que pode ter o repasse aos pais e à comunidade do que se faz na escola e a influência disso para a autoestima dos alunos ao notar que o que fazem na escola pode ser visto por muitas pessoas, as potencialidades interativas de um *blog* podem ser pensadas para propósitos pedagógicos mais amplos. A característica principal é que os *blogs* estudados não foram publicados pelos professores e alunos como atividade pedagógica em si mesma: a escola se conecta, mas ainda há um passo a ser tomado, uma caminhada por fazer.

No contexto da produção de um *blog*, o professor desenvolve um papel de potencializador de relações ou ainda de um facilitador para que ocorra a participação efetiva de todos. Os alunos, por sua vez, colaboram uns com os outros ao fazer postagens com propostas de estudos, debates de temas de interesse do grupo, publicação de suas produções, tais como resenhas de artigos e resumos de livros selecionados na disciplina, bem como ao ler as produções dos demais colegas e dar sugestões de outros estudos, ou de *links* da *Web*, compartilhando fotos e vídeos, de forma a contribuir com a aprendizagem do grupo. A aprendizagem se dá a partir do exercício autônomo e de colaboração participativa, de construção do conhecimento, da pesquisa e construção social por meio de uma participação efetivamente comprometida.

Resultados

Na análise do ponto de vista estrutural, o editor de *blogs* utilizado pelas escolas pesquisadas permite que se tenham até 100 autores cadastrados, o que viabilizaria o “fazer junto”, a escrita e a aprendizagem colaborativa. Nos *blogs* estudados, essa possibilidade de múltiplos autores não foi explorada, uma vez que

os alunos não foram adicionados à lista de colabores, ou seja, não podiam postar, apenas comentar. Se os alunos não realizavam postagens, ou seja, não eram os autores originários da publicação, o potencial interativo do *blog* não era aproveitado em sua plenitude. Por não poderem iniciar um processo comunicacional, tinham seu papel restringido ao de reatores às mensagens publicadas, o que limita suas potencialidades autorais.

De acordo com Silva (2000), um dos eixos para que a interatividade ocorra é a intervenção-participação. A participação deve contribuir com a discussão, acrescentar um significado, e gerar novas intervenções e participações. O segundo eixo, a bidirecionalidade-hibridação, remete ao fato de que com a cocriação, a mensagem transforma-se, sendo fruto da contribuição de ambos, tornando-se uma construção conjunta. O terceiro eixo, a permutabilidade-potencialidade, indica que a troca dos papéis do emissor e do receptor, dentro das possibilidades que o dispositivo apresenta, é aspecto importante da interação. Percebemos que, nos *blogs* estudados, as participações ficaram limitadas a comentários isolados. Um *blog* é um dispositivo de comunicação interativo porque potencialmente permite a coautoria, a permuta de papéis de emissor e a fonte e a bidirecionalidade da comunicação, ou seja, participar do *blog* com comentários apenas, sem usufruir da possibilidade de postar, subutiliza o dispositivo.

A troca de papéis entre emissor e receptor torna a mensagem uma construção conjunta entre ambos. A maneira pela qual os *blogs* têm sido administrados, com um autor apenas, compromete sua potencialidade interativa e, portanto, a construção de ecossistemas comunicativos nas escolas mais apropriados em tempos de dispositivos interativos e comunicacionais cada vez mais potentes e convergentes.

A comunicação, nesse sentido, implica uma reciprocidade, e seu conteúdo não pode ser apenas o comunicado de um sujeito a outro, mas deve ter um significado signifiante para ambos os sujeitos, alterando a relação entre receptor e emissor. A diferença entre a forma tradicional de comunicação, unidire-

cional, e a interativa define-se na maneira como a mensagem é construída e no papel que assumem emissor e receptor. Essa possibilidade de intercambiar papéis se relaciona com a cultura, pois:

Trata-se de uma experiência cultural nova, ou, como chamou Walter Benjamin, um *sensorium* novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos (Martín-Barbero, 2011, p.125).

Cultura e comunicação se relacionam e se materializam nas mídias, mas informar não é comunicar. Wolton (2011) aponta três razões para justificar essa afirmação: a primeira diz respeito ao fato de a informação fazer parte do processo comunicacional, mas raramente existir sintonia entre emissor e receptor; a segunda está amparada no descrédito da comunicação diante da informação; e a terceira é o fato de o desafio estar na comunicação e não na informação, pois o que importa é a relação, a negociação e o compartilhamento. Aqui se destaca o papel do outro no processo, sem o qual não há colaboração.

Nesse sentido, eis alguns apontamentos: como uma estratégia de potencialização do uso de *blog* pelas escolas poderia-se promover mais cursos de capacitação, visando explorar mais as ferramentas interativas que um *blog* apresenta; promover discussões na busca de maior fundamentação teórica; chamar os alunos e a comunidade para participar do *blog* como autores, ampliando os espaços comunicativos e propiciando uma maior participação da comunidade escolar.

Os professores poderiam, por exemplo, organizar os alunos em grupos de colaboradores; seus nomes seriam adicionados aos colaboradores do *blog* da turma, ou da escola, permitindo-lhes que atuassem como responsáveis pelo conteúdo publicado. Poderiam ser geradas discussões no *blog* e, conseqüentemente, situações de aprendizagens que poderiam ser significativas para os alunos. Outra possibilidade seria conceber o *blog* como um espaço de intercâmbio e colaboração entre escolas, pois alunos, professores e gestores poderiam estar cadastrados como colaboradores do *blog*, assim as

trocas poderiam ser inúmeras e entre toda a equipe pedagógica, inclusive entre os alunos de outras instituições escolares da rede. Bastaria escolher como estratégia a utilização da possibilidade de se ter até 100 colaboradores em um *blog*.

Nesse ponto, percebe-se que a estrutura interativa de um *blog* está concebida para promover a interação e a comunicação, porém a compreensão de como os processos comunicacionais podem contribuir para aprendizagem ainda não está tão clara para os professores e gestores escolares.

Como sugere Gomez (2010, p.88):

Outro ponto importante é a construção coletiva em torno do mesmo tema e utilizando o mesmo espaço. No fim, a proposta colaborativa é explorada positivamente para o enriquecimento da construção do conhecimento em torno do tema, ao estimular os alunos a convergir suas postagens para um mesmo local. Do mesmo modo, promove-se uma aproximação do grupo em uma mesma comunidade virtual em que as diferenças e afinidades estarão próximas, proporcionando o estímulo ao respeito e à ética.

A colaboração ainda é entendida como resposta dos alunos a demandas dos professores, o que contradiz a vivência que as crianças têm com dispositivos comunicacionais que lhes põe em contato com outros em tempo real para fazer o que mais gostam: partilhar, jogar, conversar. O desafio que a escola enfrenta, nesses termos, é como direcionar essas habilidades e interesses para atividades que proporcionem a aprendizagem colaborativa. Em outras palavras, a escola enfrenta o desafio de, ao compreender como atuam as potencialidades com as quais as atuais mídias nos brindam, desenvolver práticas pedagógicas educacionais, ou seja, criar um ecossistema comunicativo de tal forma que a colaboração seja inerente ao fazer pedagógico.

Considerações Finais

Para que uma sala de aula seja interativa, tanto o emissor quanto o receptor devem trocar de papéis

e construir juntos o conhecimento. Entre os dispositivos de interação do ciberespaço, o *blog* oferece muitas vantagens por ser um dispositivo de comunicação que não necessita de interação síncrona, ou seja, alguém o acessa quando tem oportunidade ou acha mais conveniente, não havendo necessidade de horário marcado, nem encontro presencial. Entretanto, isso não anula a possibilidade de ser realizada uma atividade síncrona, na qual todos os participantes estejam ao mesmo tempo acessando o *blog*, lendo e já postando suas mensagens, comunicando-se, interagindo de lugares distintos.

Metodologias mais participativas fazem do espaço escolar e da sala de aula um ambiente aberto a discussões em que o aluno se envolve ao realizar as atividades e reflete sobre o que faz, sendo-lhe dada a oportunidade de pensar por si mesmo, o que propicia o pensamento crítico e a aprendizagem colaborativa, pois sua participação contribui, para além da sua própria aprendizagem, para aprendizagem de todos. Os *blogs* contribuem para a construção de um ecossistema comunicativo nas escolas, uma vez que possibilitam esse espaço de troca, de cooperação e de encontro entre os sujeitos. Cabe aos professores e gestores escolares propor maneiras de criar propostas pedagógicas educacionais que viabilizem a colaboração, a coautoria e a atuação em rede possibilitadas por um *blog*.

Ultrapassar a visão de *blogs* como meros dispositivos de compartilhamento e publicação de informações e passar a compreendê-los como propiciadores de ecossistemas comunicativos é uma necessidade pedagógica. O modelo instrumental que coloca acento na tecnologia utilizada no processo de ensino e de aprendizagem pode ser superado por uma visão dialógica da formação humana. A tecnologia em si significa pouco se a prática pedagógica desenvolvida não for educacional, ou seja, se faz necessário criar espaços de colaboração e construção coletiva, os ecossistemas comunicativos.

Referências

Barbosa, E.; Granado, A. *Weblogs: diário de bordo*. Porto: Porto, 2004.

Gomez, M.V. *Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores*. Brasília: Liberlivro, 2010.

Jenkins, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

Lorenzi, G.C.C.; Pádua, T.R.W. Blog nos anos iniciais do Fundamental I. In: Rojo, R.; Moura, E. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p.34-54.

Marcone, M.A.; Lakatos, E.M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Martín-Barbero, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: Citelli, A.; Costa, M.C.C. (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p.121-134.

Martirani, L.A. Educomunicação ambiental universitária e o blog Educorumbatai. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012, Fortaleza. *Anais eletrônicos...* Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1589-1.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

Rego, T.C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Rojo, R. Pedagogia dos ultiletramentos. In: Rojo, R.; Moura, E. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p.11-31.

Sartori, A.S.; Soares, M.S.P. Concepção dialógica e as NTICs: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. In: Colóquio Internacional Paulo Freire, 5., 2005, Recife. *Anais eletrônicos...* Recife: USP, 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

Sartori, A.S.; Souza, K.R. Educomunicação e desenhos animados: construindo o conceito de prática pedagógica educucomunicativa desde a Educação Infantil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36., 2013, Manaus. *Anais eletrônicos...* Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0225-1.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

Silva, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

Torres, P.L.; Irala, E.A.F. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. In: Torres, P.L. (Org.). *Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento*. Curitiba: Senar, 2014. p.61-93.

Wolton, D. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Recebido em 3/9/2013, reapresentado em 8/7/2014 e aprovado em 15/8/2014.

